



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

INTELECTUAIS NEGRAS EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO CEARÁ: DO ENFRENTAMENTO AOS AFRONTAMENTOS RACIAIS

Maria Simone Euclides²¹³

Joselina da Silva²¹⁴

RESUMO

O presente artigo é parte da pesquisa de doutorado em andamento, intitulada por “Mulheres negras, doutoras e professoras universitárias”, cujo objetivo é analisar a trajetória profissional de mulheres negras doutoras e professoras universitárias de universidades públicas do estado do Ceará. A metodologia adotada é qualitativa mediante a realização de entrevistas semiestruturadas. Os resultados encontrados até o momento chamam a atenção para a perpetuação de racismo e sexismo gestadas nas universidades e para as estratégias cotidianamente redesenhadas por docentes negras, mediante o enfrentamento direto dessas questões em seu lócus de atuação acadêmica. Chama atenção também a militância negra exercida por essas mulheres de diversas maneiras, fortalecendo de forma coletiva nos espaços acadêmicos e extra acadêmicos.

Palavras- Chave: racismo, sexismo, professoras negras.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos estudos sobre gênero e ciência no Brasil e na América Latina; há um número considerável de análises na tentativa de compreender e dar visibilidade a mulheres e suas contribuições no campo científico; todavia, pesquisas que elucidem a interseccionalidade de gênero, raça e ciência não se encontram com exatidão. Estudos de Joselina da Silva (2010) e Minella (2012) já problematizaram a discussão de que há ausência de estudos que articulem gênero, raça e ciência. A maioria dos estudos que tratam de mulheres negras docentes enfatizam, pelo lado da trajetória de vida, as situações de racismo e sexismo enfrentadas até se chegar à formação de doutorado e/ou a carreira docente²¹⁵.

De modo a avançar no debate sobre tensões de gênero e raça no ensino superior, o presente estudo visa apresentar as dimensões de racismo e sua incidência nas trajetórias profissionais de professoras negras e doutoras, que atuam em universidades públicas do Estado do Ceará. Neste texto

²¹³Doutorando (a) em Educação pela Universidade Federal do Ceará, Professora Assistente- Universidade Federal do Piauí, Campus Cinobelina Elvas. E-mail: simoneeuclides@yahoo.com.br

²¹⁴ Professora Adjunta- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Docente Colaboradora do Programa de Pós Graduação em Educação-Universidade Federal do Ceará. E-mail: joselinajo@yahoo.com.br

²¹⁵ Ver Gomes (1994), Oliveira (2006), Crisostomo e Reigota (2010), Nascimento e Muller (2011), Silva (2012), Nascimento (2012), Reis (2012), Moreira (2013), (2013), Prates (2014), Laborne (2014).



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

faz-se um esforço de não tratar dessas trajetórias como “*exceções que confirmam a regra*” de modo a não cairmos no discurso da meritocracia, mas pelo contrário, trata de dar visibilidade a inúmeras narrativas de mulheres negras em suas resistências cotidianas contra racismo e sexismo.

Para mulheres negras que se encontram na docência do ensino superior, quais seriam os desafios? Que tipo de “demandas” passam a ser requeridas? O que significaria ser professora negra, intelectual e militante em uma universidade pública? De modo a buscar respostas a esses questionamentos, neste artigo, fruto da tese traz-se um panorama das relações raciais presentes em universidades públicas do estado do Ceará. A metodologia utilizada parte das entrevistas semi-estruturadas junto as docentes, sob um roteiro pré definido. Até o presente momento, foram realizadas 7 (sete)²¹⁶ entrevistas, dentre elas: 3 (três) são docentes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- (UNILAB), 3 (três) da Universidade Estadual do Cariri – (URCA) e uma da Universidade Estadual do Ceará- (UECE).

RACISMO, SEXISMO E SUAS IMPLICAÇÕES

De modo a classificar os indivíduos e assim dividi-los em uma hierarquia que varia de acordo com a tonalidade da cor da pele, o racismo impera em diversas instâncias da sociedade, impedindo que negros e brancos tenham o mesmo acesso às possibilidades circunscritas no mundo moderno. Um exemplo disso é o racismo institucional, que, assim como os demais, cria barreiras de acesso a determinados espaços sociais. Dessa forma, a ausência de negros em espaços privilegiados como o Ensino Superior ou cargos que culturalmente têm a presença majoritária de brancos é sinal de que há embutido na lógica social, um recorte hierárquico de raça no qual se têm claramente definidos lugares e papéis sociais.

Na visão de Guimarães (2008), o racismo é uma forma bastante específica de naturalizar a vida social, isto é, de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais. A atitude na qual o mesmo se baseia, assim como todas as outras formas de naturalização do mundo social, está presente no cotidiano quer seja nas relações micro, quer seja nas macro relações. Dessa forma, ser negro (a) no Brasil, é também arcar com o ônus de um passado que ainda insiste em dizer onde cada um deverá ou não ocupar no mercado de trabalho e em outras esferas públicas.

²¹⁶ De modo a manter o anonimato das professoras negras e fazer jus as suas respectivas lutas cotidianas, resolvemos identifica-las por mulheres negras que na histografia brasileira trazem como símbolos a luta e a resistência dentre elas: Dandara, Carolina Maria de Jesus, Nzinga, Antonieta de Barros, Preta Zeferina,, Luiza Mahin e Tia Marcelina



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Um dos recortes muito utilizados para invisibilizar a problemática racial, repousa no discurso da meritocracia- a saber, que todos os indivíduos possuem as mesmas condições de “vencer na vida”. Por detrás da ideologia do mérito, fica embutida a noção de desempenho e capacidades individuais sobrepondo-se às singularidades de preconceito, discriminação e as dimensões raciais em sua totalidade. Assim, a grande questão da meritocracia é inculcar-nos que não conseguimos acessar os bens do mercado simbólico como culpados pela sua própria sorte. A assunção da culpa e a interiorização dos problemas de um contexto maior de hierarquias acaba por legitimar ainda mais uma identificação negativa sobre si mesmo.

Mais do que questões forçadamente permanecerem “ mal resolvidas no imaginário social”, fato é, que pertencer a um determinado grupo étnico racial é ocupar lugares diferenciados dos demais. Nos estudos de Hasenbalg (1979) apud Ribeiro (2006), chegou-se a conclusão de que os estudantes brancos teriam mais chances de fazer com sucesso as transições educacionais do que os estudantes negros. A desigualdade se faria bem antes da entrada no espaço educacional e posteriormente à sua entrada no mundo do trabalho. Ainda que se obtivesse o mesmo patamar de graduação que os estudantes brancos, após a conclusão dos estudos os não brancos entrariam em desvantagem no mercado de trabalho em decorrência da sua cor. Dessa forma, embora o elemento raça não apareça concretamente como impedimento para a ascensão dos negros e negras na sociedade, ele se constitui como elemento camuflado de racismo, mas que fazem diferença na entrada no mercado de trabalho (SILVA, 2012).

Trazendo a tona também as questões de gênero, nossa sociedade ao hierarquizar raça e gênero, criou uma série de privilégios, no qual o segmento racial negro e a grande maioria das mulheres ficam em situação desprivilegiada (SILVA, 2012). Encontrar mulheres negras em posições para além de empregadas domésticas ou babás, por exemplo, é mapear as trajetórias que romperam com a cadeia das múltiplas discriminações de gênero, raça, classe e dentre tantas outras.

No que se refere especificamente a relação da mulher negra no universo acadêmico, percebe-se que nos anos iniciais, há uma sobreposição de mulheres em relação aos homens. Quando se chega, porém aos graus superiores, nota-se pouca ou quase nenhuma presença do segmento racial negro. Em determinadas situações, a presença de negros e negras encontra-se direcionada a cursos de menor prestígio na sociedade, e em se tratando exclusivamente da presença feminina, autores como Queiroz (2001), ressaltam que o campo científico ainda é marcado pelo sexismo e a falsa ideia de que fazer ciência é somente privilégio do sexo masculino.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Teixeira (2003) observou em suas pesquisas, ao comparar as conquistas do negro no meio acadêmico e profissional por meio do título de doutor e professor universitário, isso representaria uma espécie de crachá ou *passing* que dá direito a transitar por alguns espaços que ora não eram dito legítimo a presença dos mesmos. Contudo como ela mesma evidenciou em suas análises, tal crachá não alteraria a forma como cada um é percebido no espaço acadêmico, racismo e a dúvida na capacidade de cada um continuariam a existir e a persistir no imaginário, pois faz parte de um contexto maior da ideia de raça.

MULHERES NEGRAS DESAFIANDO O MUNDO ACADÊMICO

Encontrar as professoras negras não foi um exercício difícil uma vez que pelo número reduzido das mesmas, nas universidades, foi fácil fazer o mapeamento de todas aquelas que atuam nas universidades públicas no Estado do Ceará. Tal invisibilidade de docentes negras no ensino superior foi também reificada por uma das entrevistadas:

[...] o ensino superior nunca foi lugar para comunidade negra e em menor escala para mulheres negras.

Por que você diz isso?

Porque eu digo isso porque a gente vê a cor da Educação Superior no Brasil. Nós sabemos, os próprios dados da educação mostram isso, e a gente vê no dia a dia da nossa universidade. Mesmo que nós estejamos em um curso de Licenciatura (Pedagogia), entendendo a universidade como um todo, a gente vê claramente que não vamos encontrar os negros e os índios, que são maioria da população dentro da instituição da educação superior. Então nós vamos aparecer aos poucos... (Entrevistada Dandara, 2015)

Apesar de serem diferenciadas pelos perfis identitários de idade (idade varia entre 39 a 52 anos), e local onde trabalham, percebe-se um fio que as une individualmente e coletivamente, a saber: o lugar de origem demarcado pela privação econômica, baixo nível de escolaridade dos pais e as estratégias de resistência frente ao contexto de privação ao racismo e sexismo. Grande parte das professoras entrevistadas, de famílias das camadas populares, tiveram que migrar da zona rural ou do local onde moravam para centros urbanos em buscas de melhores condições de vida e estudo para os familiares. Estratégias bastante recorrentes no que concerne a possibilidade de ascensão social e mudança de vida para aqueles que não gozaram das mesmas oportunidades de escolarização nos períodos anteriores.

Quanto ao ingresso no ensino superior, para maioria das entrevistadas, a inserção não ocorreu diretamente após a conclusão do ensino médio, pois no decorrer desse caminho, muitas vezes tiveram que conciliar trabalho, estudo, casamento e maternidade. Assim, não se apresentou uma trajetória linear e contínua, mas o adiamento diante as necessidades reais de sobrevivência



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

tanto econômica, quanto aos “*papéis de gênero*”. Transpondo as discussões de gênero para o âmbito educacional e científico, temos algumas peculiaridades. Apesar de haver uma feminização do espaço escolar, a medida que se avança os níveis de ensino, menor chance de serem encontradas a participação feminina. (BORDI, BAUTISTA, 2007). Há diferenciadas relações e atribuições de papéis nos quais mulheres e homens, vem ocupando posições diversificadas e desiguais no mercado de bens simbólicos.

Dessa forma, há um acúmulo de estudos que apontam que há uma tendência a identificar a ciência como algo exclusivamente masculino. Como destacam as autoras (BORDI, BAUTISTA, 2007): “*lascienciasson para losvarones y elservicio para lasmujeres*”; as mulheres que logram a ingressar no espaço, rompem com uma cadeia lógica de normalidade, quebrando paradigmas de competência e destino profissional. Toda essa “identificação” é parte de um contexto maior de resquícios ainda da hierarquização de papéis masculinos e femininos na sociedade. De forma simbólica, homens e mulheres já nascem com determinadas ideias do que é lugar de mulher e o que é lugar de homem, e isso reflete nas atitudes, conquistas e projetos. É o que Bourdieu (2005) chamaria de submissão encantada ou uma socialização desde sempre realizada para manter os corpos em ordem na perspectiva de Foucault em *Microfísica do Poder* (2007).

Ancorado as construções culturais sobre as questões de gênero, é válido destacar algo evidenciado pelas pesquisadoras Bordi e Bautista, 2007; que para o sexo masculino não impera a questão biológica da maternidade. Para eles, não há diretamente a necessidade de combinar o desenvolvimento profissional com a maternidade e o cuidado do lar, como o é para as mulheres. Dessa forma, isso lhes garantiria maior disponibilidade de assumir cargos de decisão nas instituições e dedicarem a carreira acadêmica.

Essa situação não modifica no contexto brasileiro, ao passo que o sistema patriarcal que legitima os papéis de gênero, ainda não foram desmistificados. Como bem evidenciado por Carvalho e Casagrande, 2011; ainda hoje, há um descompasso entre a trajetória profissional despendida por homens e mulheres no mercado de trabalho, de modo que as mulheres ainda são as que assumem o papel da casa, do cuidado dos filhos e dos idosos o que acaba implicando em sua saída para o espaço público.

Tal prioridade advém devido a “cobrança” cultural do ser feminino que se restringe a reprodução biológica e o seu papel de mãe e esposa. Todos esses “*papéis*” interferem em como vai se dar a continuidade de carreiras para ambos os gêneros (masculino e feminino). No caso das entrevistadas, boa parte rompeu com esses padrões sociais e culturais e tiveram que enfrentar



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

principalmente no âmbito familiar uma resistência muito forte para se legitimarem enquanto pesquisadoras e cientistas. Isso ficou expresso na pergunta sobre o que essas professoras tiveram que abrir mão ao longo da trajetória profissional para se consagrarem como intelectuais e cientistas.

O fato de vivermos ainda em uma sociedade com resquícios patriarcais, ser mulher ainda está condicionado a cuidar do espaço privado bem como ter filhos e um casamento. No caso das professoras entrevistadas, romper com esse ideal feminino, também foi algo desafiador e pautado de muito encorajamento, pois culmina em um novo fazer feminino que de certa forma vão contra as expectativas criadas familiares e a sociedade em geral. Ser professora para o pai de uma das entrevistadas foi visto com uma “*ofensa*” à família. Seu pai acreditava que essa não era uma profissão relevante (entrevistada Carolina Maria de Jesus, 2015). Para essa professora houve um processo de ruptura a partir do momento em que ela se conscientizou da existência da questão racial enquanto um demarcador da diferenciação na sociedade, bem como da dominação patriarcal. A partir daí ela passou a pautar-se por novos rumos saindo do binômio dominação/subordinação.

O meu maior desafio de ser negra e mulher não é fácil, pois tive que abrir mão de dois casamentos nunca relutei em ficar em casa e ir a um congresso, pois minha família tinha que entender meu compromisso, o que pra geração dos colegas é muito difícil, porque a maioria das mulheres desistem no que querem. (Carolina Maria de Jesus, 2015)

A inspiração para seguir carreira superior, veio muitas vezes, a partir de referências de outras professoras negras que possuem uma representatividade importante na trajetória de para cada. É o caso da entrevistada Nzinga e a influência de uma professora na graduação quanto à sua escolha acadêmica. Como ela bem salientou, até a entrada na universidade, não tinha se deparado com a presença de uma professora negra, com características tão peculiares e uma forma de trabalho tão diferenciada. A partir da convivência com essa docente, ela foi se descobrindo também capaz de galgar e transformar esferas de poder.

No que tange a presença das mulheres negras no ensino superior, as narrativas trazem o debate ainda caro a sociedade brasileira, a saber, a persistência do racismo e sexismo nas relações interpessoais conjugadas a atos e atitudes de preconceito e discriminação cotidianamente. E nas entrevistas, tais dimensões aparecem sob duas formas: a mulher negra que deve provar sua capacidade intelectual para estar neste lugar (professora universitária); e a legitimidade científica de suas pesquisas.

Quanto a primeira prerrogativa, culturalmente e historicamente, há todo um mito fundante na sociedade que atribui aos negros, falta de capacidade intelectual e desempenho que a todo o momento, têm que provar que são capazes de exercer determinada função. A ideia de mostrar que é



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

capaz, também coaduna com a lógica de ter que se *impor o respeito*. Seja por meio das atitudes, seja pela aparência de uma professora universitária. Tal atitude é claramente também na discussão da ideia do “não lugar”, pois sendo esse um lugar culturalmente ocupado por homens e mulheres brancas, mulheres negras que aí se encontram deverão fazer por merecer, ou seja, deverão se portar como os demais e não como negras.

A ideia dos lugares e as zonas de privilégios brancos levam na maioria das vezes a população não branca a acreditar que realmente os espaços ditos legítimos não são espaços que eles deveriam estar inseridos, desacreditando assim nas possibilidades de mudança e transformação. Tal entendimento, foi também levantado por uma das entrevistadas “*nós negros não estamos acostumados a estar em espaços de poder. Dito de forma direta, não estamos acostumados com o poder, por que não fomos preparados para ele*”. Espera-se, que negros e negras, estejam em determinados espaços, mas não nos espaços ditos das universidades. Nossa socialização nos leva a sempre reproduzir padrões sociais que nos coloquem sempre na posição de subalternos, como por exemplo, a escolarização domesticável, o não direito a fala e a expressão, dentre tantos outros exemplos. O que nos levaria a crer que não teríamos a capacidade de assumirmos cargos de comando dentro das instituições. Novamente a ideia de que há um consenso implícito na sociedade e de certa forma aceito por todos de que assim o é e assim deverá ser. Quebrar com essa corrente é desmistificar discursos prontos sobre si e sobre o outro.

No caso de professoras negras, é também romper com o discurso tão presente no imaginário nas quais seriam somente corpos negros sem mente (OLIVEIRA, 2015). E essa distinção entre corpo e mente representa também representa um esquiteamento entre sentimento e conhecimento; onde pensar e sentir tirassem a legitimidade do fazer científico. Conforme destaca Santos, 2006;

o lugar de professor universitário não é visto de forma natural como lugar de negros. Esta é uma profissão que exige muito o uso da mente, do argumento, da inteligência, da reflexão. Estes, porém, são atributos colocados como próprios do branco. (SANTOS, 2006, pág. 164)

Ainda, conforme a mesma autora (Santos, 2006), sobre o ter que provar a capacidade de estar no lugar onde ocupa professores (as) negros (as) junto a demais professores “em vez de troca de experiências, convivem em um clima de prestação de contas ou de justificativas quanto ao trabalho que desenvolvem.”.

Sobre a segunda perspectiva, também relacionada a essa ideia de *não lugar*, tem-se também o desmerecimento de pesquisas realizadas por mulheres negras. As temáticas investigadas por tais trazem certo incômodo no departamento, por se tratar de questões que os mesmos *não gostariam que fossem estudadas*. Pelo fato de trazerem para universidade discussões sobre racismo, sexismo



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

suas pesquisas são sempre colocadas em análises, e críticas por seus pares, que direta e indiretamente questionam a legitimidade científica. (CARVALHO,2007) Assim, em determinados momentos, há um descrédito dos demais colegas de trabalho, com relação às pesquisas que cada docente desenvolve. Por se tratar de um estudo focado nas relações raciais, na visão de seus colegas de trabalho, trata-se de uma ciência inválida, colocando em xeque a capacidade intelectual de quem as desenvolve. A resposta para tal postura pode ser explicada em partes pela dificuldade que alguns espaços da sociedade possuem de reconhecer a existência do racismo e sexismo nas relações sociais.

Eu tive que brigar muito no departamento (...) ter inimigas, dificuldades com a aliadas para poder está lá dentro. Porque não é só está lá dentro (das universidades), pautando, mas exigir uma sala, criar laboratórios de pesquisas, ter e concorrer a projetos de iniciação científica (...) então isso foi muito ardoroso. (...) Vai aparecer os embates pela pesquisa que faço e por ser mulher negra. (Entrevistada Dandara, 2015)

Se aprofundarmos tais questionamentos, cairemos na ideia da dualidade entre objetividade e subjetividade científica, o que também é uma discussão complexa e de poder, pois trata de legitimar o que seria científico e o que seria somente verbalismo, levando a desmerecer pesquisas realizadas por mulheres negras. E quando se cai nessa discussão seria o mesmo que dizer que tais sujeitas não constroem ciência, ou dito de outra forma a ciência é branca, masculina e eurocêntrica. Neste sentido, torna-se desafiante às mulheres negras entrarem neste jogo e cotidianamente vencerem os pré conceitos.

O enfretamento é no sentido da invisibilidade na questão do pensamento, de sobressair da universidade. Como fazer validar uma inteligência negra? Tive dificuldade de ceder salas, nunca aceitei passivamente a subordinação. Eu vou muito pros embates e para os conflitos. Embate dos servidores da instituição sempre tive, até mesmo de projetos dos alunos quando vão falar sobre a questão de de negros, o maior embate é a forma de não respeitar essa temática, penso que vai se arrastar por mais décadas para ser validado e busco formar interlocutores para reforçar essa ideia, com consciência crítica de juventude, nosso CPF de políticas publicas é incorreto tem o C do conselho e sai do conselho sem discutir os fundos (F) então não tem como executar políticas publica (Dandara, 2015, Grifos da autora)

Essa maneira velada de deslegitimar o fazer científico de docentes negras, como já foi dito, é mais uma forma de deixar claro que tipo de ciência e que tipo de conhecimento é tido como o ideal dentro dos espaços acadêmicos, descaracterizando toda a capacidade de criação e reinvenção da realidade.

Assim para além da militância dentro do espaço universitário, mediante as discussões que pautem a resistência e o respeito as minorias, apresentando pautas até então tabus dentro da universidade como a adoção ao sistema de cotas raciais, discussões sobre gênero e sexualidade,



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

sendo referencias para demais alunos (as) negros (as). Como uma das professoras salientou, a *devolutiva está na sala de aula*:

Não adianta lutar por ações afirmativas, se eu não me constituir como referência dentro da universidade, de acolher outros negros e negras que chegam até lá. (Entrevistada Luiza Mahin, 2015)

Em cada lugar que a gente vai ta atuando nessa sociedade, como mulher e professora negra, isso repercute diretamente nas possibilidades de vida das nossas alunas e dos familiares dessas alunas mulheres e negras, e alunos negros também, porque eles se reconhecem na possibilidade de ser também poder ser professor, doutor, pós doutor, professor universitário, assumir a sua cor né, se reconhecer porque se reconhece no professor. Até o nosso cabelo, a forma de se vestir isso faz com que alunas se assumam [...] Quando eu comecei a usar o meu cabelo na perspectiva afro todo mundo se sentiu reconhecido, começou a ver isso não como moda, mas como uma posição política, uma forma de resistência, de mostrar que sou mulher sou professora sou doutora sou negra e assumo minha negritude. (Dandara, 2015).

Dessa forma, no departamento onde cada uma está inserida, a discussão sobre a temática racial e gênero, passa para além da discussão teórica na dimensão estética em ser mulher negra, intelectual e professora universitária. Tais inserções se caracterizam como respaldo e multiplicação de pesquisas que aprofundem a discussão tanto racial quanto de gênero²¹⁷.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscamos trazer narrativas de professoras negras e suas experiências com o racismo e sexismo nos espaços universitários. São trajetórias profissionais marcadas por rupturas, desafios, mas também marcadas por ganhos e aprendizados. Assim muito além do que repetir histórias já ditas e discussões que não fogem da realidade (mulheres negras, empregadas domésticas, babás e etc), a ideia de falar sobre trajetórias profissionais de professoras universitárias negras e doutoras advém do fato já constatado pelas estatísticas, de qual complexo é a chegada dessa categoria ao grau de formação *stricto sensu* no quesito doutoras.

São mulheres que fizeram rupturas sociais, bastante pertinentes, a saber, escolhas e caminhos profissionais, não comuns ao que é esperado para mulheres negras como um todo. Cada uma delas faz parte de um segmento da sociedade que vem rompendo com os estereótipos e pré-conceitos no universo científico, trazendo também novas discussões para pensar a mulher negra em inúmeras possibilidades. Todavia precisamente pagaram e continuam pagando o preço de serem

²¹⁷Como bem destacado por uma das entrevistadas é o espaço onde elas se encontram enquanto pesquisadoras e aglutinam demais estudantes que também vivenciam situações de discriminação e preconceito na universidade.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

questionadas pelos padrões sociais se afirmando cotidianamente como, por exemplo, o de “ser uma boa mãe” e uma “boa esposa” aquela que não está presente o tempo todo da formação do filho e do cuidado da casa e do marido.

Por fim, apesar de serem carreiras que podem ser identificadas “a dedo”, tais trajetórias não devem ser encaradas pelo olhar do exótico ou da exceção que confirma a regra, mas sim de histórias que motivava assunção de novas ações e gerações de jovens negras universitárias. E mais que isso, trata-se de evidenciar trajetórias de mulheres negras recriando e transformando o espaço científico, chamando a atenção para dilemas e problemas que não deixaram de existir- a saber, racismo e sexismo.

REFERENCIAS

BORDI, Ivonne Vizcarra; BAUTISTA, Graciela Velez. Género y éxito científico en la Universidad Autónoma del Estado de México. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 581-608, Dec. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09abr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2007000300005>.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CARVALHO, Marília Gomes de Lindamir, CASAGRANDE, Salette. Mulheres e ciência: desafios e conquistas. R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.8, n.2, p. 20-35, Jul./Dez. 2011 Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2011v8n2p20/20565>> Acesso em: 20 de mar. de 2015

CARVALHO, José Jorge. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. PADÊ: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos. UniCEUB, FACJS Vol.2,N.1/07.ISSN 1980-8887 Disponível em: <http://publicacoes.uniceub.br/index.php/pade/article/view/144/133> Acesso em: 20 de jun. 2016

CRISOSTOMO, Maria Aparecida dos Santos, dos Santos; REIGOTA, Marcos Antonio. Professoras universitárias negras: trajetórias e narrativas. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior [online] 2010, 15 (Julio-Sinmes): Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=219115782005>> ISSN 1414-4077 Acesso em: 10 de janeiro de 2016

DA SILVA, Joselina. Doutoradas professoras negras: o que nos dizem os indicadores oficiais - doi: 10.5007/2175-795X. 2010 v28n1p19. Perspectiva, Florianópolis, v. 28, n. 1, p. 19-36, jun. 2011. ISSN 2175-795X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n1p19>>. Acesso em: 09 marc. 2016.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 23ª Ed. São Paulo: Graal, 2007

GOMES, Nilma Lino. *Trajetória Escolar de professoras negras e sua incidência na construção da identidade racial: um estudo de caso em uma escola municipal de Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte, UFMG, 1994.

LABORNE, Ana Amélia de Paula. *Por essa porta estar fechada, outras tiveram que se abrir: identidade racial negra, branquitude e trajetórias de docentes da Educação Superior*. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

MOREIRA, Nilvaci Leite de Magalhães. *MULHERES NEGRAS PROFESSORAS: DAS BARREIRAS RACIAIS A ASCENSÃO SOCIAL*. Revista Encontro de Pesquisa em Educação, Uberaba, v.1, n.1, p.1. 2013 Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&ved=0CDYQFjAD&url=http%3A%2F%2Frevistas.uniube.br%2Findex.php%2Fanaais%2Farticle%2Fdownload%2F747%2F1044&ei=DBxOVdi-CYHRgwTYyIH4BQ&usg=AFQjCNEVceyNRLdzGKyywwSAIrrJpZeKBdjg&sig2=fZbPAfaxgt4aFZCRhyv24A&bvm=bv.92885102,d.eXY> Acesso em 02 de abr. de 2016

MINELLA, Luzinete Simões. *Temáticas prioritárias no campo de gênero e ciências no Brasil: raça/etnia, uma lacuna?*. Cad. Pagu, Campinas, n. 40, p. 95-140, June 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332013000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 Mai. 2016..

NASCIMENTO, Cleonice Ferreira do, MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. *A INFLUÊNCIA DA COR/RAÇA NA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE PROFESSORAS NEGRAS*. Salvador: 2011, Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 2010. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1305571082_ARQUIVO_Ainfluenciadacor-racanatrajetoriaprofissionaldeprofessorasnegras-TrabalhoCompleto.pdf Acesso em: 05 de jun. 2016

NASCIMENTO, Cleonice Ferreira do. *Histórias de vidas de professoras negras: trajetórias de sucesso*. Cuiabá- MT, 2012: Programa de Pós-Graduação em Educação no Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Área de Concentração Educação, Cultura e Sociedade, Linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação Popular. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCQOFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.ie.ufmt.br%2Fppge%2Fdissertacoes%2Findex.php%3Fop%3Ddownload%26id%3D420&ei=DBxOVdi-CYHRgwTYyIH4BQ&usg=AFQjCNFAOyn35QIkaQYJm4WfV6428v5BMA&sig2=04SdYby4tRz8bgA33wGIEA&bvm=bv.92885102,d.eXY> Acesso em: 15 de abr. de 2016

OLIVEIRA, Eliana de. *Mulher negra professora universitária: Trajetória, conflitos e identidades*. Brasília: Líber Livro Editora, 2006

OLIVEIRA, Neuza Maria Santana de. *A mulher negra e a busca pela intelectualidade: derrubando barreiras e construindo caminhos*. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 1 N. 2 – pag 293 - 310 (jun - set 2015): “Educação e relações étnico-raciais”



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

PRATES, Dinamara Silva. A inserção das mulheres negras nos cargos docentes das instituições de ensino superior. ANAIS DO VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES/AS NEGROS/ASUFPA. Belém, Pará. 2014. Disponível em: <http://www.para2014.copene.org/resources/anais/3/st10/DINAMARA%20DA%20SILVA%20PRATES%20-%20OK.pdf> Acesso em 10 de mar. de 2016.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. Raça, Gênero e Educação Superior. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, UFBA, 2001. 320 p. Disponível em: http://www.redeacaoafirmativa.ceao.ufba.br/uploads/ufba_tese_2001_DMQueiroz.pdf Acesso em: 20 de mar. de 2016.

REIS, Maria Clareth Gonçalves. MULHERES NEGRAS E PROFESSORAS NO ENSINO SUPERIOR – AS HISTÓRIAS DE VIDA QUE AS CONSTITUÍRAM. 35ª Reunião da Anped. GT 21. Educação e Relações étnicas raciais. Porto de Galinhas: 2012. Disponível em: http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT21%20Trabalhos/GT21-2187_int.pdf Acesso em: 10 de mar. de 2016.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. Classe, “raça” e mobilidade social no Brasil. Dados, Rio de Janeiro, v. 49, n. 4, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582006000400006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: de 23 fev. 2015

SILVA, Maria do Rosario de Fátima Viera. Mulher afrodescendente na docência superior em Parnaíba: memórias da trajetória de vida e ascensão social. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal de Piauí: Teresina, 2012 Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/DISSERTA%20M%C2%AA%20R%20de%20F%C3%A1tima%202012.PDF> Acesso em: 20 de fev. de 2015

TEIXEIRA, Moema De Poli. Negros na universidade: identidade e trajetória de ascensão social no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

SANTOS, Tereza (2006) Professores universitários negros: uma conquista e um desafio a permanecer na posição conquistada. In: Oliveira, Iolanda de (Org.). Cor e magistério. Rio de Janeiro: Quartet; Niterói, RJ: EDUFF.